

Madeira



OURIVES INSEGUROS ATE JÁ FAZEM RONDAS

Ao abrigo da lei, toda a compra de ouro usado, quer seja nas ourivesarias ou nas casas de penhores, tem de ser declarada periodicamente, através de um impresso próprio, à Polícia Judiciária.

Os assaltos a ourivesarias no Funchal estão a deixar os comerciantes assustados. Acusam que há pouco policiamento e, por isso, há quem já faça rondas nocturnas



anonimato. Uns por receios vários, outros por recato, por não quererem “uma publicidade que não beneficia ninguém”, como refere outro dos nossos interlocutores.

“Se a polícia andasse com maior frequência pela cidade, não tenho dúvidas que se evitariam alguns destes assaltos”, refere uma das vítimas recentes, acentuando que a simples presença da força policial nas ruas “impõe maior respeito”. É que, opina, “a maioria destes roubos são feitos por toxicod dependentes”.

Seguros são caros e rareiam

Muitas das ourivesarias madeirenses não têm seguro contra assaltos. Por um lado, porque os seguros para este tipo de negócios são “caríssimos”, além de obrigarem “a uma série de exigências que nem todos estão em condições de cumprir”, como explica um dos comerciantes. Por outro lado, também não há muitas seguradoras que aceitem fazer este tipo de contratos, devido ao risco elevado que acarretam.

Um dos ourives ouvido pelo DIÁRIO não só dispõe de um seguro contra roubos, mas também investiu num sistema de segurança já com alguma sofisticação, quer ao nível da protecção dos vidros das montras e da própria porta, quer nos alarmes e nas câmaras de vigilância. Mesmo assim não se sente totalmente seguro perante os acontecimentos mais recentes. “Nunca se sabe do que os assaltantes são capazes de fazer”, revela, baseando-se em largas décadas de experiência neste ramo. Por isso mesmo, já perspectiva a substituição da porta principal por uma outra feita totalmente em aço.

A exemplo de outros colegas do ramo, também é frequente fazer as suas rondas pela ourivesaria. “Todos os domingos de manhã, às vezes depois do almoço e também à tarde”,



LEVANTO-ME DE NOITE PARA FAZER RUSGAS E SÓ VEJO POLÍCIA JUNTO AO BANCO DE PORTUGAL

HOJE EM DIA É IMPENSÁVEL FAZER MONTRAS COM ARTIGOS DE OURIVESARIA

revela. Tal como em dias de menor movimento na cidade, como por exemplo no dia de Natal.

A atenção é redobrada quando se notam movimentações suspeitas à porta. Curiosamente, aquando da visita do DIÁRIO, o proprietário foi alertado pela funcionária para a presença de dois indivíduos nas imediações com comportamentos suspeitos. “Temos de estar permanentemente atentos”, explica-se.

“Hoje em dia, com tanta insegurança é impensável fazer montras com artigos de ourivesaria como há dez anos”, complementa.

Efeitos da ‘febre do ouro’

Na maioria dos assaltos, os criminosos não são apanhados e muito menos o produto do furto é recuperado. Os comerciantes recordam, nomeadamente, os mediáticos assaltos às ourivesarias ‘David Rosas’ (em Outubro de 2007) e ‘Sé’ (em Abril de 2008), das quais foram subtraídos ouro e relógios na ordem dos 400 e 300 euros, respectivamente, e que continuam por desvendar.

O ouro é o alvo principal dos marginais: “não só nas ourivesarias, mas também nas próprias residências”, recorda um dos ourives funchalenses. Uma situação que, opina, não é alheia à crescente procura mundial por este valioso metal. “Admira-se que haja crime organizado por trás disto tudo?”, atira. Ele próprio compra ouro usado, contudo “não é a toda a gente”, porque “alguns que aqui aparecem são muito suspeitos”. Mas sempre que o faz exige sempre a identificação para posterior envio para a Polícia Judiciária, como está estabelecido por lei.

“O problema não são os que compram ouro legalmente, mas os outros”. Que outros? “Não posso dizer porque não tenho provas, mas para algum lado ele vai”, defende-se.

NÉLIO GOMES

ngomes@dnoticias.pt

Os proprietários das ourivesarias do Funchal andam com o ‘coração aos pulos’. Os assaltos que volta e meia são notícia no centro da cidade já não lhes permitem um sono descansado, até porque, mesmo com alarmes e câmaras de vigilância, portas e montras reforçadas, muitos deles já sentiram na pele os efeitos deste tipo de criminalidade.

O sentimento de insegurança atinge tal dimensão que até já há quem, com frequência, saia de casa madrugada dentro para fazer rondas pelas imediações do negócio. Substituindo-se, deste modo, à própria polícia, a quem acusam de estar pouco presente nas ruas quando a noite desce à cidade.

Em pouco mais de um mês, há a registar duas ourivesarias assaltadas na baixa funchalense. Na primeira oitava natalícia, foi um estabelecimento situado na zona do Bom Jesus: através do arrombamento dos cadeados da porta de ferro e do estilhaçar do vidro interior, o(s) assaltante(s) acedeu ao interior, de onde surrupiou vários cordões em ouro avaliados em cerca de 30 mil euros. O alarme soou, mas quando a polícia chegou ao local já o autor do crime se tinha colocado em fuga.

Mais recentemente, na noite de sexta-feira para sábado da semana passada, o alvo dos assaltantes foi uma outra ourivesaria situada nas imediações do Jardim Municipal, cujo produto do roubo estará ainda a

ser apurado. Neste caso o crime foi efectuado também por arrombamento da porta principal.

Para além destes furtos mais mediáticos, a maioria deles realizados a coberto da noite, outros há que acabam por nem chegar ao conhecimento da opinião pública. Como são os casos dos supostos ‘clientes’ que, utilizando o método do ‘esticão’, escapam porta fora com os objectos a que conseguem deitar a mão, aproveitando um momento de distração, por mais breve que seja, do funcionário que os atende.

Como sucedeu numa pequena ourivesaria funchalense. Numa ocasião foi um fio de ouro que o falso cliente arrancou com violência das mãos da funcionária; doutra vez, porque não havia ouro à mão de roubar, as atenções recaíram na carteira da própria funcionária. Diz o proprietário que a senhora, a trabalhar na empresa há mais de três décadas, já tem receio de estar no atendimento.

Pouca polícia na rua

Um dos ourives ouvidos pelo DIÁRIO atribui a culpa dos assaltos ao pouco policiamento que se faz sentir à noite. “Levanto-me várias vezes de noite para fazer rusgas de carro junto à minha ourivesaria e só vejo polícia junto ao Banco de Portugal”, acusa o comerciante, que se escusa a revelar o nome. De resto, todos os que acederam falar à nossa reportagem fizeram-no sob

